

Alguns registros de jornais com a trajetória de Arte de Carlos Gomide com a Carroça de Mamulengos

DIÁRIO DE NATAL — Quinta-feira, 21/12/78 —



Águas estagnadas e lixo nas ruas da cidade: binômio ideal para a proliferação de moléstias.

Falta de coleta prejudica até os catadores de lixo

Embora o lixo, as águas paradas e os excrementos proliferem pelas ruas da cidade, tanto a Prefeitura como o Governo do Estado continuam ignorando os requerimentos feitos pelos natalenses, pedindo providências, como declara Zildeni Falcão Wanderley, residente à rua Alexandrino de Alencar. Ela já não sabe mais o que fazer, ou a quem requerer.

Já faz tanto tempo que tem esse lixo e essa água de fezes aqui, que até perdi a conta dos anos. Já dei queixa na Prefeitura e Secretaria de Saúde Pública, mas é sempre um empurrar de uma para a outra. Desisti, porque não posso fazer mais nada", diz Zildeni.

Enquanto isso, somas e mais somas são gastas pelo Governo e Prefeitura na construção de obras desnecessárias e até mesmo desaconselháveis, como a da Via Costeira, que caso seja levada adiante, prejudicará seriamente a ecologia da cidade. A destruição ecológica, é hoje, a maior preocupação de todos os cientistas do mundo, porque seus efeitos já colocaram em xeque a sobrevivência do próprio planeta, e de maneira tal que se não forem tomadas providências imediatas, a qualquer dia tudo poderá ir pelos

ares. Mas enquanto essa ameaça não se concretiza, a cidade continua ameaçada pelas doenças infecto-parasitárias provocadas pelo acúmulo de lixo, e águas paradas provenientes da falta de uma infraestrutura de saneamento básico. E o que acontece, para exemplificar, nas ruas Alexandrino de Alencar, Prudente de Moraes, Bernardo Vieira e Olinto Meira. E isto levou o marceneiro Clidônio Barros a dizer:

"Em Natal, lixo não é mais novidade. Por todo lado que se anda é só o que se vê".

VIDA NO LIXO

Um dos fatos mais impressionantes registrados na cidade, em relação ao lixo, é a corrida pela sobrevivência realizada por homens, porcos, mulheres, urubus e crianças no depósito de lixo da Prefeitura, na Cidade Nova, quando chega o caminhão da limpeza urbana para despejar os detritos.

Viver do lixo é a única possibilidade que ainda resta a essas pessoas, verdadeiros farrapos humanos. Porque para eles a maior dificuldade que encontram para mudar de vida é a

identificação, vez que para trabalharem precisam de documentos, e documentos custam caro para seus poucos rendimentos, que mal dão para o feijão e a farinha, que é a única coisa que comem.

Nós não somos gente, porque não levamos vida de gente. Vivemos no lixo como os porcos e os urubus", diz Lindalva Maria da Conceição, de 39 anos de miséria, com aparência de cinquenta.

A gente cata tudo que pode dar dinheiro, como osso, vidro, papel, lata, ferro, que a gente revende no ferreiro, e faz uns vinte, trinta cruzeiros por semana. Com esse dinheiro sustento eu e meu filho, de catorze anos, que também cata lixo.

Maria Luiza do Nascimento tem 75 anos, todos eles vividos no lixo, onde nasceu, cresceu, criou cinco filhos e trabalha até hoje. "Nós vive tudo de catar lixo, a gente fuça tudo, procurando osso, vidro, papel, tudo que dá dinheiro. Tem semana que faço cinquenta cruzeiros. Para fazer cem, tenho de trabalhar muito, e eu já num aguento mais o repuxo".

Ela continua: "Não tenho nada, nem INPS, e quando fico doente eu mesma me trato. A gente não tem emprego

porque num tem documento. Então tem de viver do lixo. Se a gente tivesse documento, a gente fazia outra coisa, porque a gente fica cansado de trabalhar no lixo, nessa fedentina.

O cheiro do lixo é o cheiro da gente, mas não temos outro jeito, se a gente não vem pro lixo não come. Aqui nessa vida ninguém pode parar. Se para de catar lixo, morre de fome. Prefiro catar lixo", lamenta-se.

Mas diz que já está acostumada: "Nasci no lixo, desde sete anos que trabalho com ele. Estou viciada dentro do lixo. Só tenho um ranchinho pra morrar, mas tá todo quebrado. Quando chove forte, nós ficamos todos molhados dentro de casa. Mas não temos dinheiro pra consertar, então o jeito é rezar para ele não cair na nossa cabeça".

E prossegue: A vida de lixo é muito apereçada. A gente tem vontade de sair dessa vida, mas não tem dinheiro para os documentos. Estamos atolados dentro do lixo. Quando chove a gente patina na lama, se chafurda tudo que nem porco. É uma vida dura, que mais parece não ter fim. Mas é a única que dá pra gente, que é pobre, levar. Mas estou cansada. Eu queria descansar.



Maria Luiza, catando lixo: "Já num aguento mais o repuxo"

Usar lixo também é arte

Há quem use o lixo para desenvolver a sua criatividade. E o caso dos artesãos Carlos Gomides e Miguel Oliveira, que confeccionam bonecos de mamulengo aproveitando o lixo industrial das cidades.

A gente começou a confeccionar os bonecos de material achado nos lixos durante a montagem da peça. "A cidade que não tinha rei" Prêmio SNT de 1977, em Brasília, que era uma criação coletiva do Grupo Carroça, do qual fazíamos parte", diz Carlos.

Ele diz que a dupla já tinha conhecimento de experiências desse tipo, realizadas no Rio e São Paulo, denominadas **fantolixo** (fantoches feitos de lixo). "Fizemos seis bonecos com

escorredores de macarrão, raquete de rescolol, lancheira de isopor, tampa de garrafa, corda, estopa, envólucros de shampoo, tudo que pudesse ser usado.

A finalidade maior, diz, "era procurar uma linguagem nova, porque o que a gente conhecia eram as confecções de bonecos com papel machê, papel picado, modelagem. E também porque queríamos: trabalhar com crianças, na confecção e manipulação de bonecos, e impossível fazer esse trabalho com crianças usando papel machê, porque exige uma técnica mais demorada, e a criança precisa sempre renovar para manter sua atenção no que está fazendo. O lixo dá a oportunidade de se fazer

um boneco em uma hora, e é um material incrível".

Segundo Carlos Gomides, "as diversas formas de objetos que encontramos no lixo estimulam a criatividade". Ele diz que tem amigos que fazem abajur, quadros, tudo com o que acham no lixo, e que nos Estados Unidos existe inclusive uma nova ciência, a "lixologia", que reaproveita todo o lixo industrial para utilizá-lo em diversas atividades.

A partir daí, a gente desenvolveu diversos tipos de trabalhos, sempre em teatro, e o apresentamos em praças, festas, aniversários, etc.

Eles só usam o lixo industrial, "e para nós, a importância de reaproveitar o lixo é estimular a criatividade, procurar

uma unidade criativa dentro do lixo, usando-o como se apresentasse, sem inovar em cima, como pintar, dar uma arte final, coisas assim". E é também, complementa, uma maneira de recuperar o desperdício, "porque se joga muita coisa fora, e achamos que não podemos nos dar a esse luxo, porque somos um país pobre.

Miguel e Carlos apresentarão seus bonecos nos próximos sábado e domingo, no Teatro Alberto Maranhão, a partir das 14 horas, dentro da programação do Festival Norteriograndense de Teatro. Eles também ministrarão um curso de confecção e manipulação de bonecos, na Fundação José Augusto, a partir de 11 de dezembro.

CARROÇA DE MAMULENGOS

Goiania, 09 de dezembro de 1981

Revista

PEREGRINAÇÃO DO MAMULENGO

tam os fantoches dizendo o que o povo pensa, quer e espera

Enfrentando a televisão e o cinema, o mamulengo, uma forma primitiva de teatro através de bonecos, insiste em sobreviver, levando a sua mensagem ao povo numa linguagem simples e singela.

Raquel Uliho

Mané Vê Lá Hoje chega de viagem e vai visitar a namorada. Para comemorar a ocasião, seu pai, o fazendeiro **Jolo Redondo**, promove uma festa. Mas os policiais contratados por ele para barrarem os "penetras" partem para cima dos convidados aos tapas e pontapés. Entra em cena, então, o herói da história, o vaqueiro **Benedito Falo Rosco Grito Negro Danado Escavisto** (e muitos nomes mais).

Esta, basicamente, é a temática da história contada pelo **CARROÇA DE MAMULENGO**, através de fantoches. Há alguns meses em Goiânia, os três componentes do grupo — Babau, Mangino e Cal — têm apresentado espetáculos nos locais mais diversos: praças públicas, universidades, escolas, hospitais etc.

Este tipo de apresentação faz parte do objetivo do **CARROÇA DE MAMULENGO**, em manter o caráter popular do teatro de Mamulengo — mais comum em alguns estados do Nordeste do Brasil. Esta é "uma forma de teatro de bonecos praticada por artistas do povo... com características inteiramente populares, onde os atores são bonecos que falam, dançam e brigam".

PEREGRINAÇÃO PELO PAÍS

Os inúmeros mamulengos que o grupo utiliza em suas "brincadeiras" são confeccionados por mestres populares do Nordeste, e foram adquiridos pelo grupo durante os anos em que os três passaram viajando pela região. Foi vivendo nos sertões e convivendo com estes mestres que eles adquiriram a arte de se expressar através dos bonecos.

Bom, a característica principal é o improviso. O mestre não tem um texto pre-estabelecido nem acabado. Ele tem um roteiro básico que, ao sabor das circunstâncias, da participação do público, vai se desenvolvendo. Sendo o espetáculo apresentado na roca, ele dura cinco, seis horas. As vezes até mais.

Esta afirmação, de Babau, é endossada por Mangino: "O espetáculo cresce com a participação do público. Esse roteiro serve como um esqueleto da história, que se desenvolve a partir da participação direta e individual do público".

E a receptividade do público goiano, pouco familiarizado com o mamulengo, contribuiu para que o espetáculo apresentado pelo **CARROÇA** fosse se modificando nos poucos, no sentido de se adaptar à nossa realidade, sem se afastar, porém, de suas características principais. "O pessoal aqui vive uma realidade diferente do Nordeste. Então, no diálogo com os bonecos, eles vão exercer outro tipo de influência, com perguntas diferentes", explica Mangino.

Utilizando uma linguagem simples, espontânea, esta forma de teatro reflete o dia-a-dia, a realidade política, econômica e social do homem do campo, dos operários, enfim, de personagens bem populares, que são responsáveis pela difusão, normalmente, do teatro de fantoches.

O PÚBLICO COMANDA O ESPETÁCULO

"A peça da gente não tem um começo, meio e fim delineados, coerentes. São cenas e episódios, que vimos com algum mestre popular com quem trabalhamos. Outras foram criadas por nós mesmos. Tem a cena do casamento, da festa, a cena da cobra que come o boneco, cena do adivinho, do professor Guedes, do cangaceiro, do sanfoneiro,

cenas de polícia, de boiada e outras", conta Babau.

O importante, na brincadeira, é que o público participe, tomando partido e dando sugestões, realimenta. "Mesmo que a pessoa não tenha vivência daquilo que está sendo contado, qualquer um vai entender e interferir no espetáculo. Acho que o que faz com que o mamulengo fique forte é que ele conserva a forma quase espontânea do seu diálogo".

Esse poder de congregação pesa — multilíngue até — em torno de um mesmo objetivo, despertando muita emoção, lhes rendeu a proibição de se apresentar na zona do canalizador de Pernambuco por algum tempo. Quem conta é Babau.

No período de 64 até 69, mais ou menos, o mamulengo foi proibido de se apresentar nesta região, juntamente por se encontrar ali os sindicatos camponeses mais ativos. Isto porque ele arranjou em volta muita gente e de criação artística por parte da comunidade.

Segundo Mangino, toda a fantasia em que se baseia o ma-

visão, têm contato com uma realidade em constante transformação. Portanto, novos elementos devem estar sempre incluídos nas brincadeiras, explica o mamulengueiro.

FALTA INCENTIVO

Quanto ao público, garante que continua existindo. "O pessoal gosta" — diz Babau —, "o que acontece é que falta incentivo para o mamulengueiro. As autoridades que estão aí não se mostram interessadas em nada que diz respeito ao povo, ou na sua cultura".

Em síntese, o mamulengo sobrevive, principalmente, no Nordeste do país. Não se pode esquecer, no entanto, que o teatro de bonecos foi mais uma manifestação popular que sofreu com o advento dos meios de comunicação de massa invadindo o interior. Estes, dissolveram os costumes tradicionais, de reunião entre as pessoas e de criação artística por parte da comunidade.

"As mudanças que ocorrem, substancialmente, não são



Babau e Mangino: a cultura popular pesquisada na fonte e expressa, através dos bonecos.

CULTURA NÃO DESAPARECE, ELA SE RENOVAA

A maior incidência do mamulengo é no Nordeste, mas alguns historiadores, como Herminio Borba Filho, cita a existência do teatro de bonecos no Estado de Minas Gerais ("Brinquedo" ou "Crispino", no Rio de Janeiro (Jolo Minhoca), na Bahia (Mané Gostoso), e Espírito Santo.

Babau discorda daqueles que dizem que o mamulengo está morrendo. "Geralmente, quem coloca isso são os pesquisadores de fim de semana. Aqueles que moram nas capitais e, aos sábados e domingos, vão para o interior. A gente conviveu durante muito tempo com mestres populares do sertão — que normalmente trabalham nas lavouras — e sentimos que esta manifestação persiste e incentivado muitas crianças a se iniciar na arte".

O que está acontecendo, segundo ele, é que o teatro de bonecos vai tomando novas formas. "Se ele continuar estático, ele morre. A cultura que morreu aquela que não caminha. É aquelas que não absorve as novas mudanças da mentalidade do povo".

Hoje, quando o mestre vai apresentar suas histórias para as crianças, estas vêm televisão, têm contato com uma realidade em constante transformação. Portanto, novos elementos devem estar sempre incluídos nas brincadeiras, explica o mamulengueiro.

apenas a nível de criação de novos bonecos, porque o mamulengueiro já tem uma sociedade de bonecos. Basicamente, as mudanças ocorrem nos diálogos, no próprio contexto político da peça", esclarece Babau.

Os personagens centrais do mamulengo permanecem: um fazendeiro, um vaqueiro (é o **Benedito**, o herói do espetáculo), a polícia (alçada do vilão da história, no caso, **Jolo Redondo**), a cobra, o boi, alguns camponeses, etc.

CARROÇA MAMULENGO

Carlos Alberto Mangino, Carlos Alberto Gomes de Freitas (Babau), e Carlos Marx G. de Freitas (Cal) são os componentes do **CARROÇA DE MAMULENGO**. Há quatro anos os três têm viajado pelo Brasil, a fim de pesquisar sobre o teatro de bonecos. Já se apresentaram também por diversas regiões do país e constatarem que a participação maior na manifestação artística é nos sertões.

"O grupo **CARROÇA**, que não tem sede, baseia-se realmente em pesquisar a fundo a cultura popular. Através não só do convívio com os espetáculos, mas também com as câmeras populares. É preciso conhecer seus mitos, seus valores, seus anseios, para realmente refleti-



Obra de história o vaqueiro revolucionário



CARROÇA DE MAMULENGOS

Goiânia, domingo, 25 de outubro de 1981

FOLHA DE GOIAZ

Cidade/Estado - 10

Mamulengo: a brincadeira para ser levada a sério

O mamulengo, teatro popular do Nordeste, que foi objeto de reportagem da FOLHA DE GOIAZ no dia 15 último, chegou a Goiânia para ficar: quem o trouxe foi o já conhecido Grupo Carroça, tendo como integrantes manipuladores Mangino e Carl que com suas virtudes embelezam esta maravilhosa e contagiante brincadeira.

À frente do grupo está Carlos Alberto Gomide de Freitas, mais conhecido por Carlos Babau (termo usado para denominar o artista no Ceará). Com 26 anos, nascido em Rio Verde, no Estado de Goiás, começou desde cedo a se interessar pelo teatro, passando a estudar detalhadamente sobre Teatro de Bonecos.

Em 75 mudou-se para a Paraíba, a fim de estudar e aprofundar-se nessa arte, passando a conviver com grandes mestres do teatro popular nordestino.

Dotado de grande sensibilidade artística, tornou-se, em pouco tempo, um grande entendido no que diz respeito à arte de representação teatral no ramo de bonecos mamulengos. Carlos tem a privilegiada sensibilidade para criar personagens e confeccionar os bonecos com imaginação, tentando com isso mostrar o que precisamos saber para aprofundar nossos conhecimentos culturais.

Dono de uma coleção invejável de 400 bonecos, Carlos Babau pretende mostrar aos goianos a beleza do folclore nordestino que é, antes de tudo, uma maneira alegre e rara de



Carlos Babau manipulando o Vaqueiro Benedito e a Cobra, personagens constantes no teatro de bonecos

comunicação.

A origem deste teatro, não está ainda ineiramente desvendada, mas historicamente se liga aos primeiros tempos da colonização, pois sabe-se que nesta época o teatro de bonecos estava no auge na Europa e que os jesuítas utilizavam deles nas festas religiosas para melhor propagar a catequese.

Os personagens apresentados refletem a afinidade entre eles e o público de cada Estado, mas alguns bonecos são constantes a todos os mestres, tais como o fazendeiro, principalmente conhecido como João Redondo;

o vaqueiro, normalmente o herói máximo que atende por Benedito, Baltazar ou Simão no caso do mamulengo.

O grupo promove também a apresentação de brincadeiras infantis, para animação de festas de aniversário, bem como curso de confecção de bonecos, podendo ser encontrado à rua 68 n° 304 - Centro, para contatos.

Esta é a valorizada obra de arte representativa do nordeste, trazida por goianos e sobretudo ajudando no crescimento cultural de Goiânia, que nesta semana comemora seu 48º aniversário.

JORNAL DE BRASÍLIA

ARTES E ESPETÁCULOS

SABADO, 27 DE NOVEMBRO DE 1982 - Página 23

TEATRO

A linguagem cristalina do Teatro Mamulengo

Kido Guerra
A História do Aniversário de Julieta e da cobra que comia gente — o título é mais ou menos esse. Mais ou menos, porque muda, é flexível como o espírito do trabalho, calcado fundamentalmente na linguagem solta e descontraída do teatro popular de bonecos da Região Nordeste. Linguagem assimilada e desenvolvida pelos "mamulengueiros" Carlinhos Gómezes e Chico Simões, que se apresentam, juntamente com o vaqueiro Benedito e uma série de mais uns 30 personagens, hoje e amanhã, no Centro Educacional 03, de Taguatinga Sul. Hoje, às 17 horas; amanhã, às 10:30, pelo Projeto Platéia.

Os dois compõem o Grupo Carroça de Mamulengos, que há quatro anos percorre vários Estados brasileiros (especialmente os do Nordeste) apresentando seu trabalho e procurando se aprimorar na constante busca de uma linguagem mais genuína, buscada na improvisação e inspirada também em folclore e outras manifestações populares da região: pastoril, bumba-meu-boi... Contatos com mestres "mamulengueiros" como Solon, Mestre Pedro ou Antônio Alves Pequeno foram de vital importância nesse processo. "Aprendemos muita coisa com eles" — asseguram.

Bonecos de mulungu (uma madeira leve utilizada para a confecção dos personagens) compõem o elenco, que reúne



A graça dos bonecos bem trabalhados; uma certa história.

tipos provenientes de caracterizações ou caricaturas de elementos da região. "Na medida em que o mamulengo é tradicionalmente ligado ao meio popular, aos sertanejos, aos camponeses, seus personagens também saem desse meio" — explica Carlinhos. "Tipos com os quais eles vivem, eles conhecem. São, portanto, o vaqueiro (uma espécie de herói), o fazendeiro, o boi, o diabo, a polícia, o sanfoneiro, o repenteiro... Aproveitamos es-

sa linguagem e criamos a história de acordo com a evolução do trabalho". Na semana que vem, Carlinhos e Chico — que atualmente estão morando em Goiás e, aos fins de semana, vêm ao Distrito Federal para as apresentações — estão viajando para São Luís do Maranhão, para uma Oficina e um Encontro de Teatro de Bonecos organizado pela ABTB — Associação Brasileira de Teatro de Bonecos. "Que,

aliás, não funciona em Brasília. Temos que formar um escritório em Brasília. É uma necessidade" — comentam. E em janeiro, os dois arriam as malas e voltam ao Nordeste, com seus bonecos, a fim de dar prosseguimento ao trabalho. "Com a ideia de nos aprofundarmos mais. Não apenas nos bonecos, mas nas manifestações populares em geral, como o circo, a cantoria, o repente, enfim, tudo que for possível".

“Carroça de Mamulengo” será a atração na Oficina Regional

Para participar da 1ª Oficina Regional de Teatro de Bonecos “Mané Gostoso”, encontra-se em São Luís o Grupo de Teatro de Bonecos “Carroça de Mamulengo”, formado por “maulengueiros” que há seis anos apresentam por todo o Brasil espetáculos que trazem consigo toda a estrutura do Teatro de Bonecos Popular.

Trabalhando a partir de experiências vividas por seus elementos — entre os quais Carlos Gomides, que conviveu com alguns dos grandes mestres dessa arte — o “Carroça de Mamulengo” traduz com maestria e humor, às mais diferentes platéias, as ansiedades, lutas e sentimentos do povo brasileiro e, em especial, do nordestino.

A 1ª Oficina Regional, da qual o grupo participará, é promovida pelos núcleos da ABTB (Associação Brasileira de Teatros de Bonecos) de Pernambuco e do Maranhão e pelo Laborarte — Laboratório de Expressões Artística —, devendo



Integrantes do grupo “Carroça de Mamulengo”, que irá apresentar-se na 1ª Oficina Regional de Teatro de Bonecos “Mané Gostoso”.

realizar-se no período de 1º a 27 de janeiro, sob a coordenação do bonequeiro Ferrando Augusto.

Formado pelos bonequeiros Carlos Gomides, Chicr. Simões e Afonso Miguel e tendo os seus bonecos construídos por mestres populares do Teatro de Bonecos, o “Carroça de Ma-

mulengo”, além de participar da 1ª Oficina, fará um ciclo de apresentações em nossa capital, inclusive na Sala Cecílio Sá, situada à rua Jansen Muller, 42 -Centro (sede do Laborarte), onde poderão ser feitos também os contatos para apresentações em aniversários e festas infantis.

Brasília, segunda-feira, 9 de setembro de 1985

ULTIMA HORA - 19

Arte solta pelas ruas

Há duas semanas várias escolas e cidades-satélites, através do Projeto Platéia, têm recebido autênticos representantes da cultura brasileira, cantadores de rua, mamulengueiros, palhaços de Juazeiro do Norte, CE, que não escolhem lugar para montar seu palco, nem esperam que o público chegue para começar a se apresentar. Carlinhos (Babau) Gomides e Shirley, do Grupo Carroça de Mamulengo, vieram na frente, abrindo caminho e arrecadando o dinheiro suficiente para as passagens dos outros artistas populares: os circenses do grupo Recanto do Lazer, Zezito, Lúcia e Nilton; os cantadores de embolada Azuleiga e Asa Branca; e Expedito, da Banda Cabaçal Padre Cícero, que vestiu-se aqui de Mateus, o palhaço do Reizado.

Quando veio a Brasília em abril expor parte de sua coleção de bonecos, Carlos sentiu a possibilidade de trazer artistas de Juazeiro, que lá trabalham com ele se apresentando em escolas, praças, ruas e cidades vizinhas. Ex-integrante do Grupo Carroça do DF, dirigido por Humberto Pedrancini - quando ingressou no teatro e começou a construir bonecos a partir de material de sucata - Carlos está no Nor-

NÉLIO RODRIGUES



Carlos, com o boneco Pai Vinho, acompanhado por Zezito

deste há dois anos, participando de um trabalho comunitário que está gerando a União dos Artistas do Povo. A entidade não existe oficialmente, mas é um instrumento prático que tem agrupado artistas de várias cidades nordestinas.

O objetivo da União, de acordo com Carlos, é agrupar os artistas populares (cantadores, mamulengueiros, bandas cabaçais, mágicos, palhaços, reizados e outros) para desenvolver um trabalho de rua, em associações comunitárias, discutindo a realidade em que vivem e, sobretudo, colo-

cando esta arte a serviço da educação. "Buscamos uma forma de estar permanentemente em contato com nossa comunidade, criando condições de conseguir verbas em local de maior poder aquisitivo e manter relação de comunidade com nossa classe".

Todos eles vivem de contribuições espontâneas do público que os assiste pelas ruas e nas escolas. São vizinhos e companheiros, dividindo material artístico e dinheiro quando precisam.

M.F.

Foto: Stênio Saraiva



A mobilização dos trabalhadores foi pequena, mas os discursos inflamados denunciaram a má política econômica

‘Primeiro de maio é dia de luta e luto para nós’

O Dia do Trabalhador foi comemorado com um ato-show na Praça José de Alencar. A manifestação foi marcada pelos protestos dos trabalhadores presentes, contra a política econômica do governo Sarney. Embora o público estivesse reduzido, cerca de mil manifestantes, o brilho da festa ficou por conta dos discursos inflamados e a participação de artistas da terra. Os sindicalistas aproveitaram o ensejo e conclamaram as categorias trabalhistas a aderirem à greve geral a ser desencadeada nos próximos dias três e quatro.

Estiveram presentes à manifestação os sindicatos dos têxteis, eletricitários, metalúrgicos, jornalheiros, sapateiros, comerciários, gráficos, médicos, assistentes sociais, petroleiros, hoteleiros, além de estudantes e outras entidades. O ato-show era uma promoção da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e Central Geral

dos Trabalhadores (CGT). Os trabalhos que estavam marcados para ter início às 16 horas, somente no final da tarde, por volta das 17h30min, começaram.

Segundo o sindicalista da CUT, Antônio Ortiz, o primeiro de maio é uma homenagem aos trabalhadores da cidade de Chicago (EUA), que em 1886 foram assassinados durante o protesto no qual reivindicavam 48 horas semanais de trabalho. “O Estado esvazia essa manifestação, pois não pretende formar uma categoria consciente de seus direitos”, critica Ortiz. Ele informa que a partir de terça-feira, dia três, os trabalhadores têxteis pretendem desencadear uma greve, devido à proposta por eles reivindicada, ter sido recusada pela classe patronal.

“O primeiro de maio significa um dia de luta e de luto e não um dia de festa como deseja a burguesia. Estamos lutando contra a opressão desse

Governo que nos reprime. Infelizmente a presença dos trabalhadores foi abaixo de nossas expectativas, sem dúvida precisamos de uma maior organização”, fala o vice-presidente da CUT/Ceará, Francisco Pereira. Ele, que é presidente do Sindicato dos Jornalheiros, acredita que os sindicatos não conseguiram se mobilizar para aquele ato de protesto.

O presidente do Sindicato dos Eletricitários, Francisco das Chagas, que está em plena campanha salarial da categoria, informou que seus companheiros reivindicam uma reposição salarial de 48,79% e a manutenção da URP. Hoje, às 18h30min na Praça dos Eletricitários, próximo à Companhia Energética do Ceará (Coelce), a categoria realiza uma assembléia geral. Finalizando o ato-show em comemoração ao Dia do Trabalhador, artistas da terra fizeram uma apresentação musical.

[illegible]

Artistas ensinam folclore a meninos de rua em Copa

Foto Leticia Pereira



Em Copacabana, crianças se divertiram com show dos artistas

Palhaços com pernas de pau e personagens típicos do folclore brasileiro, como se do Bumba-meu-boi, fizeram a alegria das crianças que passeavam, em na praia, no Posto 6, em Copacabana. Durante toda a manhã, um grupo cearense de arte popular roubou a atenção dos baixinhos, normalmente voltada para as telas de tevê, e encantou a meninada com a apresentação de suas peças e cantorias.

O grupo União dos Artistas do Povo, de Juazeiro do Norte, chegou no Rio há três meses e desde então vem desenvolvendo trabalhos com crianças de rua, ensinando a andar de perna de pau, a fazer marionetes e a representar como palhaços. Os meninos têm aulas durante a semana na Praça Serzedelo Corrêa, em Copacabana, e nos domingos participam de shows, como esse da Avenida Atlântica, que aconteceu ontem.

A argentina Edith Campos, que assistiu a todo o espetáculo, ficou emocionada e pediu uma maior divulgação de trabalhos como esse: "Eu nem sou brasileira e fiquei maravilhada com a exposição dessa arte verdadeiramente popular, que quase não aparece na televisão."

O DIA

Rio de Janeiro, segunda-feira, 20-8-90



Grupos artísticos ensinam, nos fins de semana na Torre, brincadeiras como andar com pernas-de-pau

Torre de TV abre espaço para os artistas populares de todo o País

Há cerca de três meses que a feira da Torre de TV oferece mais do que artesanato de variados tipos. Agora, é também espaço para a arte popular. A União dos Artistas do Povo, formada por quatro grupos de arte popular, está oferecendo, aos sábados e domingos, das 10h às 17h, uma diversão diferente. São oficinas que ensinam a andar de perna-de-pau, montar brinquedos, fabricar bonecos gigantes, entre outras atividades.

Dezessete pessoas reúnem-se no centro da Torre e vão logo chamando a atenção. São palhaços gigantes (meninos sobre enormes pernas-de-pau), cangaceiros feitos de cabeça, peças de teatro de sombras. Ontem de manhã, eram mais de 200 pessoas agrupadas em torno do espetáculo. A idéia do grupo, segundo Carlos Gomide, o presidente, de 38 anos, é permanecer por mais quatro meses no espaço da Torre e ir promovendo sempre novas atividades.

Bumba-meu-boi — O espetáculo começou às 10h30, no domingo de sol forte. A primeira apresentação foi da boneca de pano Miota. Em seguida, foi a vez do Bumba-meu-boi, verdadeira pera popular mambembe, com origem no Maranhão. Depois, pa-

lhaços de perna-de-pau anunciaram a chegada do mais importante deles, o palhaço Pilombeta, ninguém menos do que José André dos Santos, de 43 anos, o mesmo comandante da oficina de Mané Gostoso, brinquedo feito em madeira, cordão e papel. O boneco trapezista dá um giro cada vez que se apertam as duas hastes verticais que o sustentam.

“A União dos Artistas do Povo é uma necessidade de experiência artístico-cultural informal junto à comunidade”, explica Gomide. Em sua opinião, “isso aqui não é só lazer. É poroso para quem quiser se expressar de qualquer forma”. José André dos Santos, o palhaço Pilombeta, acredita que sua oficina de trapezistas de madeira é apenas o começo de uma experiência “que pode levar as pessoas a criarem outros bonecos”. Pilombeta tem 17 anos de fabricação do Mané Gostoso. Ele ensina a criança, que pode levar o brinquedo para casa, se quiser. Tudo é de graça.

Cultura — As atividades que a União dos Artistas do Povo desenvolve na feira da Torre são apenas parte de um projeto maior chamado Viva Viva, voltado para o ensino da arte popular. O grupo também tem às quintas-feiras, atividades semelhantes em cida-

des-satélites. Dois dos quatro grupos que integram a União fazem parte do projeto: o Carroça de Mamulengos e o Circo Boneco & Riso. A idéia é difundir a arte de rua, com tradição medieval do teatro mambembe.

Mas Gomide se queixa por realizar, hoje “apenas 20 por cento do potencial do grupo”. Segundo ele, o projeto, orçado em Cr\$ 300 milhões, foi encaminhado à Fundação Cultural do DF (FCDF) em janeiro deste ano, mas até agora não foi aprovado. “Essa verba iria possibilitar contato direto de comunidade com técnicas seculares do teatro, da arte circense e do artesanato popular”, comenta. Há três meses sem patrocínio — a FCDF vem emprestando apenas uma Kombi para transporte de pessoal e objetos.

“Nosso projeto prevê exposições de 600 bonecas de pano, projeções de documentários sobre arte popular, exibição de slides sobre romaria em Juazeiro etc”, conta. O presidente da União dos Artistas do Povo sonha ainda com a montagem de uma oficina do pão. Nela, pessoas poderiam aprender a fabricar pão e distribuí-lo gratuitamente entre os participantes das oficinas.

18 TRIBUNA DO CEARÁ **NOSSA FORTALEZA** FORTALEZA, QUARTA, 20/ABR/94



Nas ruas

Servidores públicos federais realizaram manifestações durante todo o dia de ontem em Fortaleza

CARROÇA DE MAMULENGOS

DIÁRIO DO NORDESTE
Fortaleza, Ceará — Sábado, 8 de julho de 1995

Caderno 3

PÁGINA 07

VARIEDADES

PÉ NA ESTRADA

Família viaja por todo o Brasil levando a alegria do teatro mambembe

Eles parecem ter vindo da Idade Média a pé. Ou melhor, de carroça. São domialcos, no sentido original do termo. E aventureiros, no sentido outado do termo. É a Cia. Carroça de Mamulengos, formada por uma tripe mambembe que traz na veia o mesmo sangue e na alma a mesma paixão pelas artes, com o Teatro São José em Fortaleza, 40 e a companheira Shirley França, 30 não têm moradia fixa. A bordo de um ipe, viajam o Brasil inteiro em companhia dos seis filhos-artistas, levando na carroceria o vasto arsenal necessário para a realização de espetáculos, cursos e oficinas de arte. Conte-se, por baixo: 500 bonecos de pano, 02 malas de mamulengos, cerca de 80 bonecos gigantes pernas-de-pau, brinquedos populares, livros e o que mais pedir a riquíssima cultura popular. Há um ano estão em Fortaleza, numa casa alugada por temporada. Hoje e amanhã, no Teatro São José, encenam o espetáculo "Histórias de Teatro e Circo", sempre às 16 horas. É a despedida oficial do grupo. Porque o espetáculo não pode parar. E muito menos eles.

Carlos conheceu Shirley em Brasília, no final da década de 70. Em comum, o desejo por viver a arte em sua plenitude, absorvendo "in loco" seus muitos signos. Sobre quatro rodas começaram a pesquisa itinerante que vem rendendo frutos "dourados". Maria, 10 anos; Antônio, 9; Francisco, 5; João, 3; e os gêmeos Pedro e Mateus, de 2 meses nasceram entre uma e outra temporada de espetáculos, cada qual numa cidade diferente, mas embalsados no mesmo berço: o da arte popular. Seguindo a trilha dos pais, a garotada logo se familiarizou com máscaras, ventríloquia, confecção de brinquedos populares, teatro de sombras, de bonecos, folclore, canções populares e peripécias circenses. Na escola da vida, formaram-se artistas natos. "Acreditamos que a cultura popular só pode ser aprendida a partir de anos de estudo e de convivência com as várias manifestações que encerra. Seria mesmo algo nos moldes das corporações de ofício que existem na Idade Média. O Teatro inglês de cordel, repente, absois, histórias de trapace, brinquedos populares, a arte circense... Enfim, é preciso conhecer tudo isso de perto para se



Carlos Gomide, a mulher Shirley e o filho mambembando pelo Brasil profissionalizar "verdadeiramente", defende Carlos



Por onde passa, a Cia. Carroça de Mamulengos também acaba por fazer escola. Ministrando cursos e oficinas em instituições de ensino de 1º, 2º e 3º graus ou mesmo por conta própria, em locais públicos de convivência, a tripe conquista adeptos e recebe o carinho. Seja cobrando cachê pelos serviços prestados, seja rodando o chapéu entre o aglomerado humano que instintivamente se forma a sua volta.

Circo Boneco e Riso, em Juazeiro do Norte. Em Brasília, o nosso trabalho já chegou à própria UNB, comemoramos Carlos. Na temporada local que se encerra, a Cia ministrou oficinas em várias escolas, como 7 de Setembro, Canarinho, Meu Caminho, Geo Studio e Casa de Criança. A tripe tem motivo para se gabar. Pode abrir a boca e dizer que vive de arte, num país em que a cultura é sempre relegada a último plano. Mas pode mesmo se condecorar por viver de arte mambembe, um gênero francamente em extinção. Muitos é parte, as ressalvas existem. "Uma das maiores dificuldades que sentimos é de encontrar verdadeiros educadores nas instituições de ensino, preocupados em romper com a alienação e colaborar com a preservação da cultura originalmente popular, ou seja, aquela que emana do povo e está sendo esquecida em nome da massificação dos gostos e valores. Acho que um povo sem cultura é como um corpo sem alma", provoca Carlos.

Cresceram viajando, trabalhando e por isso são muito ativos e comunicativos". A leitura em família, garantem os pais, é outra forma de enriquecer o repertório cognitivo de cada um dos precoces artistas. Para tanto, contam com uma rica biblioteca, onde predominam títulos ligados à cultura universal e psicológica. "O importante é que se desperte nas crianças o gosto pelo saber, o desejo do conhecimento. Feito isso, serão autônomas", recomenda Carlos, ao mesmo tempo que garante deixar por conta dos próprios pinginhos a opção futura por seguir ou não a carreira de artista mambembe. Paralela à profissão, a meninada tem ainda aulas de dança, canto e iniciação musical. "Tudo para que tenham o potencial artístico estimulado", completa o pai-conjuge, no fundo, cruzando os dedos para que nenhuma crise desfaça o rebento.

Elhel de Paula
Do Escritório do Caderno 3

Serviço

"Histórias de Teatro e Circo", com a Cia. Carroça de Mamulengos, hoje e amanhã no Teatro São José, sempre às 16 horas. Ingressos: R\$ 5,00.

4-B

O POVO CULTURA sábado, 8/7/95

Família conta a história de teatro de circo

Cia. Carroça de Mamulengo faz show hoje e amanhã no Teatro São José

Histórias de Teatro de Circo - com a Cia. Carroça de Mamulengo. A família Gomide mostra espetáculo de circo, de mamulengo e outros folguedos populares. Ape- nas hoje e amanhã, a partir das 16h, no Teatro São José, rua Rufino de Alencar, 362. Ingressos: R\$ 5. Fone: 231 5447.

A Cia. Carroça de Mamulengo apresenta, apenas este final de semana, no Teatro São José, o espetáculo *Histórias de Teatro de Circo*, reunindo a arte circense, o teatro de bonecos, os personagens dos folguedos populares. A Cia. Carroça de Mamulengo é a família de Carlos Gomide, o Babau, sua mulher, Sheila, e os seis filhos do casal.

No começo, era o grupo Carroça. Depois de casados, Carlos e Sheila continuaram a produzir espetáculos, oferecer oficinas de criação e manipulação de bonecos, e foram am-

pliando o trabalho pautado na arte popular. Com as crianças, o grupo virou companhia. Com exceção dos caçulas, os gêmeos Pedro e Mateus, de 2 meses, os outros 4 já são artistas.

Carlos e Sheila são de Brasília, mas optaram há dez anos pelo Nordeste. Viajam sempre, mas voltam para cá. Agora, depois desta turnê no São José, vão outra vez para o Crato. A filha mais velha, Maria, 10, nasceu em Natal. Antônio, 9, é do Crato, e Francisco, 5, nasceu em Juazeiro. Em Brasília nasceu João, de 3 anos. Os gêmeos são de Fortaleza.

Histórias de Teatro de Circo tem bonecos gigantes, um deles, a Miota, do folclore fluminense, manipulada por Maria. Que é também o palhaquinho Minha Flor, que anima a garotada com o Alecrim (Francisco) e o Aleluia (Antônio). Shirley encarna a boneca-mãe Mariama, que aleita seu filho Cristino.

Tem mais, neste circo de vida: pernas-de-pau, personagens do Reizado, como o Jaraguá, o Boi, a Burrinha... E tem tamanduá, cabrito, bichos mis, criados e recriados com o talento desta família de artistas, que não deixa morrer a alma da arte popular.



Carlos Gomide, Sheila e os filhos formam Cia. Carroça de Mamulengo





O ELENCO infantil é um dos destaques do grupo Carroça de Mamulengos, que faz duas apresentações em BH

DIVULGAÇÃO

Histórias de Mamulengos

Estréia hoje, às 16h30min, e fica em cena até amanhã, no Teatro Dom Silvério, o espetáculo "Histórias de Teatro e Circo", com o grupo Carroça de Mamulengos, da Paraíba. O elenco roda o Brasil com seus personagens populares como palhaços, catulelê, o jaraguá, bumba-meu-boi, reisado, o burrinho, bonecos gigantes e mamulengos.

A família mambembe traz Carlos Gomide (o pai), Shirley (a mãe), e os filhos, Maria (11 anos), Antô-

nio (10), Francisco (6), João (4) e os gêmeos Pedro e Mateus de um ano, e excursiona por vários Estados, levando tradições brasileiras. Em suas apresentações o Carroça de Mamulengos ensina as crianças a fazerem bonecos, andar de pernas-de-pau, corda-banda e outras artes circenses.

O espetáculo é divertido e o grupo paraibano apresenta também canções populares e de ninar, além de um misto de números circenses e folguedos. Recentemente o Car-

roça de Mamulengos se apresentou no programa "Jô Onze e Meia", levado ao ar pelo SBT/Alterosa e encantou o público tal a graça das crianças, que fazem vários números divertidos, com canções e performances.

● HISTÓRIAS DE TEATRO E CIRCO
- Teatro Dom Silvério (rua Lavras, 225, São Pedro, 281-5592). Hoje e amanhã, 16h30min, com o grupo paraibano Carroça de Mamulengos. Ingressos a R\$ 10,00 (preço único).



Carlos Gomide, a mulher e seus seis filhos artistas

Família de artistas exhibe seu teatro de mamulengos no Rio

Inspirada na mais fiel tradição do teatro mambembe e de outras manifestações populares, como o reisado, a família Gomide apresenta, no próximo domingo, o espetáculo *Histórias de teatro e de circo*, no Largo do Machado e no Teatro Rival. "Passamos o chapéu, sim, com toda a dignidade", diz o patriarca, o goiano Carlos, 41 anos, ao explicar o modo de sobrevivência de sua Carroça de Mamulengos, que há 18 anos excursiona pelo interior do país. "Nosso trabalho não diferencia idade ou classe social. As pessoas ficam hipnotizadas, mas a interação no sertão é mais profunda", conta o pai de seis crianças entre 1 e 11 anos, todas artistas. "Elas já nasceram ouvindo, vendo e nós acompanhando", afirma, orgulhoso. (Pág. 5)

ENTREVISTA Carlos Gomide

“Passamos o chapéu, sim”



CELINA CORTES

— Como é o convívio com o público do interior, supostamente carente de manifestações culturais?

— Na romaria a Juazeiro do Norte (CE), acontecem experiências fortíssimas. Aqueles milhares de romeiros criam uma atmosfera de canto, reza e ladainhas incrível. Que eu saiba, é a única cidade construída em processo messiânico ainda não destruída. Lá, não vejo apenas fanatismo e ignorância. Também não dá para descrever a forma como somos recebidos em locais pequenos, como Olhos D'Água (GO). A interação com as pessoas, ao contrário do que acontece numa cidade como o Rio, se dá de forma muito profunda. Viramos a atração local, é gratificante. A solidariedade se realiza de várias formas. Dá para sentir a alma do público.

— O que o público do interior gosta de assistir?

— Não sei dizer, entre os nossos números, qual traz maior alegria ou interesse. Nosso espetáculo não diferencia idade ou classe social. No Colégio Terezião, no Rio, por exemplo, as crianças vibraram com nossa comunicação, tão diferente dos equipamentos eletrônicos a que estão acostumadas. As pessoas, em geral, parecem ficar hipnotizadas. No Largo do Machado, no último sábado, só chegava gente, ninguém saía. A tendência dos adultos é de se emocionarem muito, transparecendo nos olhos um sentimento de perda. No sertão, as pessoas já não têm essa reação. É mais alegria, talvez porque estejam mais perto do que vivem. As crianças são as que mais curtem, em qualquer lugar.

— No final de cada espetáculo vocês passam o chapéu. Como conseguem se sustentar?

— Passamos o chapéu, sim. Há 18 anos vivemos disso, com maior ou menor dificuldade. Os locais fechados, que compram o espetáculo, geralmente não têm o mesmo interesse do público de rua e das escolas. A coisa mais difícil é levar alguém ao teatro, é raro conseguir patrocínio. Dormimos em escolas, teatros ou associações de moradores. Não queremos ser tratados como nababos. Nos adaptamos a locais onde chove, mas sempre sabendo que todo lugar é sagrado, um hotel, pensão, uma barraca debaixo de árvore. Ninguém perde a dignidade. Temos uma barraca simples para emergências. Viajamos num jipe e cozinhamos ali mesmo. Nosso espetáculo, por mais mambembe que seja, com materiais simples, como madeira ou pano, é de uma elaboração muito meticulosa. Nada é gratuito. A disposição de cada elemento tem uma razão de ser. Todos os bonecos têm sua fisionomia, com acabamentos muito detalhados, resultado de uma técnica desenvolvida há anos.

— Como você e sua família escolhem o lugar em que vão se apresentar?

Abram alas que a família Gomide chegou. Carlos Gomide, goiano, 47 anos, sua mulher, Shirley, 31, e os filhos — Maria, Antônio, João e os gêmeos Pedro e Mateus, de 1 ano — estarão no próximo domingo, às 17h, no Largo do Machado, apresentando o espetáculo de rua *Histórias de teatro e de circo*, inspirado nos mamulengueiros, mestres de reisado, rabequeiros, bandas de pifares e outras manifestações da sabedoria popular. “As pessoas ficam hipnotizadas”, diz o patriarca, que este ano completa 18 anos de estrada pelas entranhas do país. “Os adultos se emocionam muito, sentimento de perda que transparece nos olhos. No sertão, é mais alegria, talvez porque estejam mais perto do que vivem”, avalia Carlos, com sua habitual simplicidade.

Praças, esquinas, favelas. Qualquer palco é sagrado para Carlos

Gomide, que sente a necessidade de respeitar profundamente a arte aprendida de outros artistas populares como ele. O cabeça da Carroça de Mamulengos diz que o trabalho da trupe está impregnado de consciência política: “Minha cidadania está ligada não ao direito de ser assistido, mas ao de fazer da arte um veículo de transformação”, esclarece. Depois do show, eles passam o chapéu, com toda a dignidade. Os filhos estudam na escola da vida e conhecem o que é a sobrevivência. A família utiliza bonecos de sucata e pernas de pau, entre outros materiais franciscanos, para provocar inevitável empatia. Quem não conseguir chegar a tempo no Largo Machado, poderá encontrar a Carroça ao final do show de Chico César, também no dia 28, no Teatro Rival.

se integraram de uma forma espontânea. Já nasceram ouvindo, vendo e nos acompanhando. Na medida em que nossos filhos nasceram, fomos inventando personagens para eles. Para a mais velha, Maria, de 11 anos, criamos a burrinha de reisado chamada Fumacinha. Ela foi crescendo e a burrinha ficou para os outros que vinham. E outros personagens surgiram, o cabrito, o carneiro, o tamandá, o boi. Quando crescem, os mais velhos participam com novas expressões. Agora eles também usam pernas de pau.

— Qual a idade de seus seis filhos? A partir de quando você achou que eles já podiam virar artistas mambembes?

— Maria tem 11; Antônio, 9; Francisco, 6; João, 4 e Pedro e Mateus, gêmeos de 1 ano. Não paramos por causa das crianças nem poderíamos. Comecei há 18 anos. Conheci Shirley em 1982, quando fomos morar em Juazeiro do Norte. Maria nasceu em um encontro de teatro em Natal. Continuamos viajando. Eles foram crescendo e participando cada vez mais ativamente do espetáculo, sem muita data marcada.

— Eles frequentam a escola?

— Temos tentado resolver a questão da escola com professores amigos, que vão a nossa casa, nos lugares pelos quais passamos. Maria lê e escreve. Até o João já escreve. Todos fazem desenhos e exercícios. É claro que a formação da

escola tradicional é mais abrangente. Mas o trabalho desde pequenos, o conhecimento de vários lugares, dão a meus filhos uma visão muito rica da realidade do país. Ora estão com os cinevistas, ora no sindicato da construção civil, na associação de moradores, em trabalhos com meninos de rua, nas invasões ou nas greves. Não afirmo que sejam mais maduros. Mas desde pequenos têm um sentido de responsabilidade e a consciência de que fazem parte do todo. Quando vou rodar um chapéu, eles sabem quanto ganhamos e quanto custam as coisas. Conhecem nossa realidade incerta. Quero despertar neles o desejo do saber, da solidariedade e o despojamento do superfluo.

— Você está no Rio para lançar um CD...

— Gravamos o CD *Aluminação* em estúdio, em João Pessoa, com músicos locais. E isso só foi possível pelo interesse desses músicos em nosso trabalho. São oito canções que recolhemos em viagens pelo Brasil e 12 composições nossas, fruto do universo das fontes populares. Faremos distribuição independente nos espetáculos e, creio, na loja da Funarte.

— O teatro é uma missão?

— Não consigo viver fazendo outra coisa. Eu e minha família somos *brincantes*, inseridos em vários processos do contexto da vida. Sabemos a força que a arte e a cultura têm. Toda vez que nos apresentamos, sentimos o quanto essa arte faz as pessoas vibrarem. Isso nos dá um sentido de identidade e de identificação.

— De que forma vocês organizam o espetáculo? *Histórias de teatro e de circo* é uma criação conjunta da família?

— Num grupo como o nosso, nunca montamos um espetáculo atrás do outro. Não temos uma peça acabada. Vão surgindo novas criações e ideias incorporadas por todos nós. A *Mato*, que a Maria faz há cinco anos, hoje é totalmente diferente. Em nosso trabalho nada morre ou é encostado. Desde o início da Carroça, todos os personagens podem voltar a brincar a qualquer momento.

— O que é mais importante, arte ou cidadania?

— É impossível falar em cidadão e pensar só na gente. A miséria do Rio, por exemplo, me dói mais do que a de João Pessoa. Parece que o grau de abandono aqui é mais gritante. Os mendigos parecem vermes. Nós temos compromisso com algo que ajude a transformar a realidade de nosso país. Minha cidadania não se direciona no sentido de buscar o direito de ser assistido. Mas no de fazer da arte um veículo de transformação. Temos participado de várias lutas, dos sem-terra, dos meninos de rua. A arte está intrinsecamente ligada à cidadania.

“Nosso espetáculo é mambembe mas é muito elaborado”

CORREIO BRAZILIENSE

Brasília, quarta-feira, 5 de maio de 1999

DIA DAS MÃES

VEJA COMO PRESENTEAR E ONDE LEVAR SUA MÃE NO DOMINGO

Zuleika de Souza



EDUCAÇÃO

TUDO PELA ARTE

Maria, a filha mais velha, nasceu durante um festival de teatro em Natal (RN). Hoje, com 13 anos, é uma das atrações da Cia. Carroça de Mamulengos, que seus pais – Carlos e Schirley Gomide – teimam em manter viva com apresentações pelo interior do País. Maria tem mais sete irmãos. Todos vão para o palco. Até as gêmeas Isabel e Luzia, que têm menos de um ano. “Toda vez que nos apresentamos, sentimos a força que a arte e a cultura têm”, diz Carlos Gomide, que há quase um ano chegou a Águas Lindas (GO), onde vive com a família. Por enquanto...



Renê Franco/Dinêgato

Tradição circense

DIVULGAÇÃO

Um casal e seus oito filhos. Crianças e artistas, levando ao palco suas deliciosas **Histórias de Teatro e de Circo**. O espetáculo da Cia. Carroça de Mamulengos estreia hoje no Teatro Nelson Rodrigues (Av. Chile 230, Centro), levando ao palco a poesia e a música de palhaços e festas populares como o Reisado e a Folia de Reis. A trupe já gravou o CD **Aluminação** e participou de shows de Chico César e Nana Vasconcelos.

Além do casal Carlos Gomide e Shirley França, participam as crianças Maria, de 14 anos, Antônio, 12, Francisco, 10, João, 8, os gêmeos Pedro e Matheus, 4, e as gêmeas Luiza e Isabel, de apenas um ano e meio. Após as sessões (sábados e domingos às 16h, R\$ 5) haverá oficinas de brinquedos para a criançada.

TEATRO INFANTIL



HOJE. A Cia. Carroça de Mamulengos é atração do Teatro Nelson Rodrigues



Carlos Gomide, a mulher Shirley e os oito filhos

Dividindo o pão

O goiano Carlos Gomide, 45 anos, não apenas aderiu ao projeto da UFF na primeira hora, como é ele próprio a figura da gentileza. Com sua Carroça de Mamulengos - integrada pela mulher Shirley e os oito filhos do casal, Maria, Antônio, Francisco, João, Pedro, Mateus, Luzia e Isabel, os quatro últimos, gêmeos - conduz a trupe por todo o país. Através da música, da dança e dos folguedos populares, eles vão levando a cultura brasileira a praças e ruas, onde ensinam até preparar comidas típicas.

"A alma do povo brasileiro é gentil e hospitaleira. Se há falta de gentileza, nas cidades grandes, ela é gerada pelas circunstâncias de mazelas em que todos vivem. Ninguém devia ter de quebrar a cabeça por teto, agasalho e pão. Só pode ser gentil quem recebe gentileza".

Para o artista, assim como para o chefe de família, o sentimento de generosidade repousa na ideia de compartilhar a fartura. "Quando se compartilha o pão, seja ele um gesto, um sentimento de solidariedade ou atenção, se está sendo gentil. Não há gentileza sem fartura. Mas a luta pela sobrevivência faz as pessoas desacreditarem que isso seja possível".

Ele próprio quase desacredita quando sai do sítio na Taquara e anda pela cidade. "No Rio de Janeiro é tudo tão grande, tanta gente, tanto viaduto, prédio, tantas pessoas correndo, que parece difícil humanizar a cidade. Parece difícil entrar num ônibus lotado e ser carregado com gentileza; atender no balcão com gentileza ou dirigir com gentileza. As pessoas estão minadas por tantas dificuldades e medos..."

Ele quase desacreditaria, se a gentileza não fizesse parte de sua natureza: "Acredito em utopia. A gente vê milhares de pessoas lutando para ficar no campo, cuidar da terra, plantar. Não podemos parar de acreditar. Como continuaremos vivos sem isso?" (C.M.)

Companhias teatrais promovem 'mutirão cultural'

ARTE E LAZER ★ OBJETIVO É RESGATAR IDENTIDADE ARTÍSTICA COM TEATRO E OFICINAS DE ALIMENTOS E BRINQUEDOS

Andréia Lima
Da equipe da folha do estado

"Mostrar a cara do Brasil e sua identidade cultural" é a proposta das oficinas de brinquedos e alimentos que serão realizadas hoje, das 9 às 19 horas, na praça do ancião, em Anápolis. O evento é intitulado "Viva Vida" e está sendo organizado pelas Companhias Teatrais Bokemboca, Carroça de Mamulengos e Boneco e Riso.

Montar uma tenda no meio da praça, ralar mandioca, fazer mané pelado, comer melado com farinha, confeccionar bonecas de pano e aprender algumas técnicas teatrais, de acordo com Carlos Babau, diretor da Companhia Carroça de Mamulengos, são algumas das atividades do "grande dia do mutirão cultural", enfatiza.

Carlos diz que este trabalho é inédito em Anápolis, mas já existe há vários anos em diferentes locais do Brasil, geralmente desenvolvido em praças públicas, possibilitando às pessoas oportunidade de participarem de várias atividades, entre elas as artes culinárias, como bolos e pães. "Passaremos o dia juntos, no final da tarde teremos espetáculos de companhias de teatro locais como Bokemboca e algumas companhias de Brasília", afirma.

Crianças e adultos poderão aprender as técnicas de andar com perna de pau e no final poderão participar de uma caminhada pelas casas vizinhas, ao som de cantigas populares. "Nossa intenção é trazer a magia do circo ao teatro, o resgate da cultura brasileira em geral. Queremos relembrar



Carlos Babau diz que esse trabalho em praça pública é inédito em Anápolis

nossas raízes, nossas alegrias e nossos costumes", expressa.

O integrante da Companhia Bokemboca, Washington, esclarece que "Vida Viva" irá possibilitar a integração entre as pessoas e das artes, oferecendo alimento ao corpo e ao espírito. "As pessoas que tiverem vontade poderão se aproximar, colocar avental, ajudar a ralar o milho, fazer pães, bolos e no final se confraternizar comendo os alimentos, feito por eles próprios", acrescenta.

O acervo de bonecas, segundo Carlos Babau, será apenas para mostrar a beleza das bonecas originadas em vários países. "O Brasil tem uma cultura muito rica em relação à sua dança e ao alimento. Nossa principal intenção é que a comunidade tenha consciência da sua identi-

dade cultural e das suas tradições", afirma.

Babau salienta que é necessário que as pessoas vivam um Brasil com suas riquezas e percebam suas necessidades de transformações.

Em algum momento das atividades será rodado o chapéu para que a comunidade deposite uma contribuição espontânea.

SERVIÇO

O quê?
Um dia de atividades culturais
Quando?
Hoje
Onde?
Na Praça do Ancião
Horário?
9 às 19 horas
As contribuições serão espontâneas

VIVER BRASÍLIA

JORNAL DE BRASÍLIA, SÁBADO, 21 DE SETEMBRO DE 2002 ▶ 4

Natureza e diversão

CASA VERDE BRASÍLIA OFERECE PROGRAMAÇÃO ESPECIAL PARA AS CRIANÇAS, COM CINEMA, TEATRO E PARQUINHO NO JARDIM BOTÂNICO

Ynaiana Leite

A criançada que curte a natureza não pode perder as atrações infantis da Casa Verde Brasília, realizada de terça a domingo, das 10h às 21h, até 20 de outubro, no Jardim Botânico de Brasília (SMDB conj.12, Lago Sul). Ideal para quem se interessa por paisagismo e decoração, o evento expõe 19 jardins montados por 34 profissionais.

Quem faz a festa da garotada, amanhã, às 16h, é o grupo Carroça de Mamulengo, com o espetáculo *Histórias de Teatro e Circo*. Outras opções de diversão são a Praça da Criança, um jardim criado especialmente para o lazer infantil, e o curta-metragem *Brasil 500 Passos*, que ressalta a preservação ambiental. A entrada custa R\$ 1,50.



O Carroça de Mamulengo é a atração de amanhã, às 16h

Cultura das cidades

Encontro no Rio analisa difusão da arte nos municípios

Os desafios e as prioridades para o desenvolvimento cultural dos municípios brasileiros são tema do Encontro de Cultura das Cidades, evento que reunirá representantes do poder público e de entidades da sociedade civil, de hoje a sábado, no Sesc Tijuca. Nos quatro dias, secretários municipais de Cultura se reunirão com produtores, diretores de marketing de empresas e representantes de instituições de Belo Horizonte, São Paulo, Porto Alegre, São Luís e Curitiba para debater patrocínio, globalização e preservação do patrimônio cultural. A idéia é incentivar a criação de programas mobilizadores. O evento conta com a participação do presidente da Funarte Antônio Grassi (dia 13) e com o secretário executivo do Ministério da



A CARROÇA de Mamulengos se apresenta amanhã no Sesc Tijuca

Cultura Juca Ferreira (dia 14).

Nos intervalos, haverá apresentações de grupos de cultura popular, como o Jongo do Quilombo São José (hoje, às 19h) e a Cia. Carroça de Mamulengos, além de uma feira de expressões culturais, com trabalhos de que envolvem teatro, literatura e artes

plásticas.

No sábado, será redigida a Carta do Rio de Janeiro, com declarações e compromissos resultantes do encontro. As inscrições custam R\$ 20 (meia-entrada para estudantes e maiores de 65 anos) e podem ser feitas pelo site www.sescrj.com.br ou pelo telefone 2539-1214.

Domingo, 30 de maio de 2004

O GLOBO

JORNAL DA FAMÍLIA






A BONICA Mariana e o filho Cristiano

Antônio Marinho

A canções do folclore e a mistura de ritmos como coco, baile, maracatu e forró são uma forma lúdica de estimular a aprendizagem e a criatividade. Essa é uma das propostas da Companhia Carroça de Mamulengos, que acaba de lançar o CD "Aluminação", que traz peças do repertório popular, baia da fauna regional e até ciência matemática brincando.

A companhia nasceu em Brasília há 27 anos e foi fundada pelo artista, poeta e músico Carlos Gomide. Casado com Shirley, com quem teve oito filhos (Maria, Antônio, Francisco, João, Pedro, Mateus, Isabel e Lúcia), ele viaja pelo Brasil com a família, apresentando-se em ruas e praças.

Gomide conta que a frute (www.carrocademamulengos.com) valoriza a cultura popular através de espetáculos de arte, de costumes e hábitos alimentares, como as oficinas de brinquedos populares e as aulas para ensinar tango, cuscuz, curries de milho e paninho.

— O "Aluminação" é para todas as idades. Ele tem uma poética, uma simplicidade que agrada a toda família — diz Gomide.

Uma dos destaques no trabalho do grupo é a canção de escalante.

— A criança que tem oportunidade de ouvir esse tipo de canção desde o berço tem uma melhor relação de afeto com seu país. As músicas estimulam o brincar entre pais e filhos — afirma Gomide, que espera confirmação da apresentação da Cia no projeto "Ciranda de Espetáculos", da Prefeitura do Rio, em agosto.

Maria José Alves da Silva Oliveira, doutora em antropologia do esporte pela Universidade do Porto e professora da Uerj, diz que projetos como o da Cia Carroça de Mamulengos é essencial para crianças, jovens e adultos.

— A cultura é o braço para a educação e o caminho mais legítimo e viável para a formação do cidadão. O trabalho de teatro e circo por ruas e praças permite a celebração e comemoração. Desenvolve a criação e a inovação. É o exercício de cidadania — diz.

Para formar cidadãos

Histórias do folclore brasileiro servem de ferramenta para educar

PALCO // Formado na tradição circense por uma família cearense, o grupo Carroça de Mamulengo reinventa no picadeiro o universo da cultura popular

Instantâneos da magia mambembe

TATIANA MEIRA
DA EQUIPE DO DIÁRIO

Os caminhos da família Gomide pelas estradas e recantos mais distantes do Brasil se confundem com a companhia que ajudaram a fundar, há 30 anos. O Carroça de Mamulengos, atualmente sediado em Juazeiro do Norte, no Ceará, é formado por Carlos Gomide e Shirley França, além de seus oito filhos, que nasceram e cresceram em meio a *Histórias de teatro e de circo*. Esse é o nome do espetáculo que essa família de saltimbancos contemporâneos traz ao festival Palco Giratório Brasil, com apresentação única neste domingo, às 17h, no Sesc Píedade.

O universo da cultura popular é revisitado pelo grupo, que busca nos mestres dos folguedos a tradição para levá-la ao palco/picadeiro em novas leituras. Canções de roda, de ninar, acalantos estão junto com palhaços e brincantes em pernas-de-pau, num trabalho que foi sendo construído ao longo dos anos. "Esse espetáculo é uma cristalização da linguagem do nosso grupo. Contracenamos com bonecos que estão conosco desde a infância, que acom-

panharam nosso crescimento", conta Maria Gomide, 22 anos, a primogênita da família, que vive a personagem Minha Flor.

Histórias de teatro e de circo começa com um desfile de bichos, alguns reais, outros imaginários. A burrinha, o jaraguá, o cabrito tamandú, o carneirinho, o dragão que solta fogo são algumas das criações, que aparecem para encantar crianças e adultos. Em seguida, vem a cena da Miota, talvez a boneca mais querida da trupe. Maria Gomide costuma brincar com ela até os 11 anos. Depois, ficou grande demais para interpretar e vestiu a Miota, que é montada e desmontada na presença da plateia. Hoje, a boneca volta com suas irmãs gêmeas Isabel e Luzia, de 8 anos.

Na sequência, vem o momento da Mariana e seu filho Cristino, uma cena de uma mãe amamentando o filho, com tudo que ela carrega de simbolismo e poesia. Por fim, uma grande festa com os palhaços. "São instantes lúdicos e mágicos, onde somos embalados por uma trilha sonora ao vivo, já que tocamos instrumentos ao lado do Belo Lemos, que toca rabeca, cavaquinho e percussão", descreve Maria Gomide.

A trajetória da família Gomide tem início quando o pai, Carlos, começa a trabalhar com arte, em 1977. O contato com mestres como Antônio do Babau e outros do Ceará (Chico de Daniel e Antônio Pequeno) e do Rio Grande do Norte, como os irmãos Relâmpago (Antônio Miguel e José) ajuda a ampliar a experiência da trupe, que cresceu depois que Carlos se uniu a Shirley França e começaram a nascer seus filhos. Depois de Maria Gomide, vieram Antônio, 19 anos, Francisco, 16 anos, João Gomide, 13 anos, os gêmeos Mateus e Pedro, de 11 anos e as gêmeas Isabel e Luzia. Todos seguindo o lema da trupe de saltimbancos: "Um povo sem cultura é tal qual um dia sem sol, uma noite sem lua, um corpo sem alma".



ELenco LANÇA MÃO DE BONECOS E PALHAÇOS PARA CRIAR MOMENTOS LÚDICOS NA ENCENAÇÃO DE HISTÓRIAS DE TEATRO E DE CIRCO, ESPETÁCULO QUE TRAZ AO RECIFE

A artista recorda que a família já esteve no Recife em outras ocasiões, a mais recente no carnaval do ano passado, para o festival RecifeBeat. "É o mesmo espetáculo que fazemos agora, só que mais enriquecido. À medida em que brincamos, vamos amadurecendo, elaborando as cenas, os bonecos", destaca.

A trajetória da família Gomide

tem início quando o pai, Carlos, começa a trabalhar com arte, em 1977. O contato com mestres como Antônio do Babau e outros do Ceará (Chico de Daniel e Antônio Pequeno) e do Rio Grande do Norte, como os irmãos Relâmpago (Antônio Miguel e José) ajuda a ampliar a experiência da trupe, que cresceu depois que Carlos se uniu a Shirley França e

começaram a nascer seus filhos. Depois de Maria Gomide, vieram Antônio, 19 anos, Francisco, 16 anos, João Gomide, 13 anos, os gêmeos Mateus e Pedro, de 11 anos e as gêmeas Isabel e Luzia. Todos seguindo o lema da trupe de saltimbancos: "Um povo sem cultura é tal qual um dia sem sol, uma noite sem lua, um corpo sem alma".

SERVIÇO

Histórias de Teatro e de Circo, no festival Palco Giratório
Onde: Sesc Píedade (Avenida Beira-Mar 15th, Píedade)
Quando: Domingo, às 17h
Quanto: R\$ 10 e R\$ 5 (meia-entrada)
Informações: 3361-0297 ou www.sesc-pe.com.br

D1 - Curitiba, terça-feira, 22 de maio de 2007

DIÁRIO DE CURITIBA

PALCO GIRATÓRIO

Teatro e Circo no Sesc Arsenal

Da Assessoria

O grupo Carroça de Mamulengo (CE) apresenta hoje, às 20h30, no Jardim do Sesc Arsenal, o espetáculo *Histórias de Teatro e Circo*, dentro do Festival Palco Giratório. Neste evento, o grupo nordestino traz de volta o canção popular com cirandas, acalantos e benditos que estão gravados no CD *Aluminação*, compostas em sua maioria por Carlos Gomide e interpretadas por toda a família Gomide e cantadas e tocadas ao vivo, durante o espetáculo.

O objetivo da apresentação é reviver canções do folclore nordestino de forma amorosa e afetiva, que são capazes de

fundir formação cultural, histórias teatrais e circenses com divertimento popular. Carlos Gomide, pai e fundador do grupo, viaja pelo país com sua esposa Shirley França e seus oito filhos. *Histórias de Teatro e Circo* é uma cristalização de momentos vivenciados pela família Gomide nos seus 30 anos de histórias.

Na brincadeira, o público é envolvido por personagens recriados dos folguedos brasileiros ou frutos da imaginação: a burrinha, o jaraguá, os mamulengos, o cabrito tamandú, o carneirinho, o dragão, além das criações Miota, Mariana e seu filho Cristino. Todos se apresentam de forma leve e surpreendente, celebram a cul-

tura e buscam construir, juntos, uma pátria verdadeiramente mãe gentil para todos os seus filhos. Quando Maria, a primeira filha do casal, aprendeu a andar, Carlos criou a burrinha Fumacinha. Esta entrou para o espetáculo e nunca mais saiu, pois quando ficou pequena para Maria brincar, Antônio já tinha nascido, já estava andando e, ao crescer vendo a irmã brincando, já sabia como fazê-lo. Esse processo repetiu-se e perdura até hoje, com Fumacinha sendo interpretada por Isabel, caçula do grupo. Da mesma forma, foram sendo substituídos todos os outros personagens que compõem o espetáculo.

"*Histórias de Teatro e Circo*" divide-se em três atos: 1º: Um desfile de personagens tradicionais como a burrinha Fumacinha, os Jaraguás Rosa e Florinda, o Boi Estrelinha, junto a criações como o bode Pinote, o carneirinho Meleto, e o dragão Xodó brincam e dançam ao som de canções interpretadas por Carlos Gomide e Maria Gomide. 2º: A boneca gigante Mariana e seu filho Cristino apresentam uma cena poética de amamentação com texto, música e dança, resgatando as canções de roda, ninar e acalanto. E 3º:



O grupo Carroça de Mamulengo trabalha o canção popular com cirandas, benditos e acalantos que estão num CD

SERVIÇO

O QUE: Festival Palco Giratório - *Histórias de Teatro e Circo*
ONDE: Jardim Sesc Arsenal
QUANTO: Entrada franca
INFORMAÇÕES: 3616-6000

CARROÇA DE MAMULENGOS



TRADIÇÃO
CULTURAL

2008 julho



programação

- HISTÓRIAS DE TEATRO E CIRCO *Cia. Carroça de Mamulengo*
Dia 09, qua (18h);

Rua Cel. José Gomes de Sá, 07 - Centro - Sousa - PB - CEP 58800-050 - Tel.: (83) 3522.2980 - Fax: (83) 3522.2926 - cultura@bnb.gov.br - www.bnb.gov.br/cultura



Banco do
Nordeste



BRASIL
UM PAÍS DE TODOS
GOVERNO FEDERAL

CARROÇA DE MAMULENGOS

A família Carroça de Mamulengos

GUSTAVO PORTELA/Divulgação



GABRIELLE ZARANZA
ESPECIAL PARA O PÓVO
gabriellezaranza@opovo.com.br

Laços artísticos e familiares fortalecem a estrutura da Companhia Carroça de Mamulengos. Em cena, a família que é também grupo teatral faz do palco estúdio do próprio lar. Formada por brincantes, atores, músicos, bonequeiros, contadores de histórias e palhaços, os artistas se apresentam ao mundo com

diversas montagens inspiradas na cultura popular brasileira. Nesta sexta-feira, 6 de dezembro, a trupe familiar se reúne no palco do Cine Teatro São Luiz, às 19 horas, com o espetáculo *A Ópera de uma Família Brincante*. Metalenguística, a obra narra a trajetória dos 42 anos de história do grupo.

A Carroça de Mamulengos nasceu em 1977 com Carlos Gomide. A união do artista com Schirley França floresceu

em oito filhos, que integram a companhia. Atualmente, seitas, narra e gerencia também não parte do grupo. "Todos estão em cena. Sempre estiveram. Ninguém deixa de participar", comenta Maria Gomide, 54, primogênita de Carlos e Schirley. "Estamos agora com a terceira geração. No São Luiz vai ter presença da Ana, minha filha de 6 anos, e da Helena, minha sobrinha que tem apenas seis meses", adianta.

"Temos origem muito presente na cultura popular. A partir daí, a maior dedicação do artista é a capacidade de criar. Temos um elo com o folclore popular e brincadeiras de rua, mas rege a imaginação muito viva para fazer uma roda e despertar nas pessoas o desejo de ver a sua apresentação. Não somos som de memória e imaginação, eu vivo unicamente para esse trabalho", conta Carlos Gomide. O artista é mentor da

linguagem estética e das criações da Carroça. O grupo desenvolve itinerante viveza na estrada por cerca de duas décadas, se apresentando em festivais, escolas, teatros, circo e ruas do Brasil. Hoje parte deles reside em Juazeiro do Norte, na região sul do Estado, onde também atuam na escola de transmissão de saberes populares Centro de Artes do Carié. "Imagine uma companhia de arte que vive viajando.

É uma família que é uma companhia de arte. Cada filho nasceu em um lugar diferente, e os nossos espetáculos foram organicamente criados no decorrer dessa trajetória. As cenas, os bonecos, tudo era criado a partir do nascimento dos filhos e repassado dos mais velhos para os mais novos", explica Maria. De acordo com a primogênita, o espetáculo que estreia amanhã no São Luiz traz cenas que existem há mais de 30 anos.

E se denomina "estrela" mesmo que a obra já tenha sido apresentada outras vezes, Maria explica: "O Carroça não é grupo que tem estrelas de fato. Cada espetáculo é uma estreia, tem algo novo. A apresentação desta sexta será a terceira de Helena, que só tem 10 meses, e ela já não é a mais pequena de quando se apresentou na primeira, com apenas 2 meses". "Em A Ópera, há uma personagem que é uma burrinha,

ela foi criada quando eu nasci. Brinquei com esses bonecos, meus irmãos também. Hoje quem brinca é minha filha: no próximo ano será minha sobrinha. O boneco continua vivo em cena, ele pertence ao repertório artístico de uma família", relata. A *Ópera de uma Família Brincante* percorre as várias linguagens em que o grupo atua. Depois de quatro décadas de arte, a Carroça é uma companhia presente, um

grupo de artistas que têm muita história para contar. "Quando que algo começa na vida da gente? O Carroça é uma companhia de vida. Ele começou quando cada um de nós começamos a existir. E hoje somos nós, no presente, minha filha com 6 anos, meu pai com 64. Cada um com seu tempo de vida e de arte. Não nos juntamos para fazer o espetáculo, a gente nasceu para isso", define Maria.

Espectáculo "A Ópera de uma Família Brincante"

Quando: sexta-feira, 6, às 19 horas
Onde: Cine Teatro São Luiz (rua Major Facundo, 500 - Centro)

Quando: R\$ 10 (meia) e R\$ 20 (inteira)
Vendas: bilheterias do Cine Teatro e no site Tulus.com.br

OPVO

ESTILO: CRISTINA ANDRESEN E MARCOS SAMARCO
FOTOGRAFIA: GUSTAVO PORTELA/Divulgação
25.12.2017 12h30